



FRONTEIRAS DE UMA DISCUSSÃO: ARQUEOLOGIA HISTÓRICA DE UMA FÁBRICA DE LOUÇAS

Martha Helena Loeblein Becker Morales*

Resumo

Em voga nos debates acadêmicos dos últimos anos, a interdisciplinaridade exige um esforço de reflexão considerável ao pesquisador cujo trabalho almeja tal classificação. A arqueologia histórica, área que frequentemente reivindica sua natureza híbrida, oferece um amplo leque de possibilidades ao desenvolvimento de temas do passado recente. Contudo, ainda são perceptíveis as limitações impostas ao diálogo em estudos ligados, por exemplo, à imigração e à industrialização, como se pretende demonstrar no caso da Fábrica de Louças Colombo. O objetivo deste trabalho é expor, além dos resultados obtidos na pesquisa, as nuances e os entraves que se apresentaram no decorrer do projeto, ilustrando o quanto a interdisciplinaridade é teorizada e incentivada, mas nem sempre aceita em sua totalidade. Acredito que, em especial no que tange ao século XX, a intersecção das disciplinas não seja apenas bem vinda, como necessária para fornecer um quadro que contemple o passado sem subestimar sua complexidade e sem ignorar suas ambiguidades.

Palavras-chave: *Interdisciplinaridade, Arqueologia histórica, Louça.*

Abstract

Interdisciplinarity, often discussed by academic papers, demands a considerable effort from the researcher who wishes to have a work classified as such. Historical archaeology, as a field that frequently claims to be hybrid in nature, offers a wide range of possibilities for the development of subjects from the recent past. Nevertheless, the limitations imposed on the disciplinary dialogue are still perceptible, for instance, when it comes to immigration and industrialization studies, as I wish to demonstrate with the case study of the Fábrica de Louças Colombo. This paper's goal is to share not only the results of the research, but also the singularities and the obstacles that came along during its elaboration, showing a glimpse of how difficult it is to achieve acceptance from our peers, even though there is much encouragement and theorization dedicated to interdisciplinarity. I believe that regarding the twentieth century, the intersection of the disciplines is not only



welcome, but necessary to provide an image of the past which does not underestimate its complexity and does not ignore its ambiguities.

Keywords: *Interdisciplinarity, Historical archaeology, Pottery.*

* Martha Helena Loeblein Becker Morales
Coordenadora de acervo na INDEX –
Informação Integrada
Doutora em História pela Universidade Federal
do Paraná (UFPR)
mhlbecker@gmail.com

Introdução: uma experiência

A intenção deste artigo é compartilhar uma experiência de pesquisa vivida ao longo da confecção da dissertação de mestrado intitulada *Os usos da louça branca de Colombo: aspectos identitários e discursos do poder a partir do diálogo entre História e Arqueologia* (MORALES, 2010). Este foi um projeto iniciado ainda em tempos de graduação e esteve sempre inserido em programas de formação em História, entretanto, o contorno arqueológico que a pesquisa anunciava já em seu título levou a questionamentos frequentes quanto a sua classificação e relevância.

A proposta se constituiu em estudar a Fábrica de Louças *Colombo*, um empreendimento localizado no município de Colombo, região metropolitana de Curitiba, em finais do século XIX, que perdurou até a década de 1920 (figura 1). O levantamento bibliográfico sugeria que esta era uma fábrica, em geral, pouco conhecida em plano nacional na atualidade, mas com importância suficiente em termos de memória regional para vigorar, repetidas ocasiões, em obras que ressaltavam sua contribuição ao estado do Paraná. Os autores priorizavam a inserção política ou econômica do estabelecimento e dos seus proprietários, com um tratamento bastante tradicional dos documentos textuais. Sendo assim, fundamentar uma discussão também nos seus vestígios materiais poderia trazer outras contribuições ao entendimento do sistema cultural do grupo específico envolvido, direta ou indiretamente, na produção da louça.

Conduzo este artigo em três momentos, para então chegar às reflexões finais. Em primeiro lugar, abordo a percepção dos interlocutores acerca de como a problemática do projeto deveria ser norteadada. Em seguida, apresento os objetivos da escolha pela abordagem da arqueologia histórica, tangenciando o tema da interdisciplinaridade. Finalmente, de maneira breve, refiro-me à análise da documentação textual e material, para então concluir a exposição com algumas considerações sobre as fronteiras de uma pesquisa e o lugar do pesquisador.

Sugestões historiográficas: o olhar alheio

Tendo em vista o destaque da documentação escrita na bibliografia consultada, trabalhá-la em conjunto com a cultura material apresentava uma possibilidade ainda não vislumbrada. Parti do pressuposto de que os textos tão citados, de jornais e almanaques, auxiliavam na compreensão de uma imagem que se criara em torno do estabelecimento e dos seus diretores, assim como compunham o cenário social do contexto. Por outro lado, a produção material da fábrica, as *louças*²¹, permitiria uma observação diferenciada daquela imagem pública divulgada

²¹ Conforme Pileggi (1958:194), *louça* é uma denominação genérica que compreende “todos os produtos manufaturados de cerâmica, compostos de substâncias minerais, sujeitas a uma ou mais queimas”. A bibliografia nacional costuma atribuir esta nomenclatura a cerâmicas brancas de uso doméstico, normalmente subdividindo-as em faiança, faiança fina e porcelana. Há ainda inúmeras variedades, tais

pela imprensa, contemplando, por exemplo, a formação e afirmação de identidades diversas. Com ênfase nos temas do nacionalismo, da etnicidade e da memória, a princípio, pareceu claro aos meus interlocutores – colegas e professores – que se tratava de uma pesquisa acerca da industrialização nascente no Brasil. Aprofundando-me na historiografia, identificando as preferências, os recortes, poderia saltar do quadro geral nacional para, então, explorar as especificidades do caso da fábrica de cerâmicas brancas no recém emancipado estado do Paraná.

Além disso, um fator que despertava curiosidade na maioria era o pioneirismo na fabricação de louças brancas nacionais. Diversos autores comentavam ser esta a ‘primeira’, a ‘mais antiga’, a responsável por introduzir uma produção que, mais tarde, influenciaria o pólo ceramista que se concentra na cidade de Campo Largo²². Entre os arqueólogos interessados no estudo de cerâmicas históricas, encontra-se com facilidade breves menções ou notas explicativas que, frequentemente por citação indireta, atribuem a Colombo a primazia da louça nacional, embora demonstrem desacordo no seu marco temporal inicial²³. Deste modo, uma investigação minuciosa em arquivos de registros comerciais, quiçá a nível nacional, poderia fazer com que a dissertação definisse, enfim, a veracidade da afirmação. Difícil negar que há certo poder no estabelecimento de origens, na atribuição da qualidade de antigo. É como se aquele que veio antes de todos os outros, dotado de um espírito de coragem, fora o responsável por toda a glória posterior dos demais que, como seus herdeiros, são envolvidos por uma aura de respeito. Este *ídolo das origens*, nas palavras de Bloch (2001: 56), vem há muito tempo sendo questionado, mas é incontestável que, na prática, permanece na pauta historiográfica – e também na arqueológica, eu diria.

Havia ainda mais um aspecto que estimulava debate entre meus colegas e instigava meus professores, todos ávidos pela descoberta. Quem fundara a fábrica? Afinal, o conflito de informações era claro na documentação: enquanto uns apontavam o imigrante italiano Francisco Busato como o idealizador da empreitada, após detectar a presença de caulim na região, outros faziam sobressair o nome do ervateiro paranaense Cel. Zacarias de Paula Xavier, listando-o entre os “*nomes líderes [do Paraná], representativos de valores autênticos*” (MARTINS, 1941: 11). Explorando, por conseguinte, a tensão entre a nacionalidade (e a personalidade) do fundador, poderia enveredar pelos caminhos da história da imigração, observando as agruras do grupo desterritorializado e alocado próximo à capital *versus* a condição proeminente do luso-brasileiro que investiria na fábrica, numa exemplar atitude progressista da jovem República.

como o *ironstone* e a louça de granito, além de divergências terminológicas entre autores de nacionalidades e idiomas diferentes.

²² Com abundância de matéria-prima mineral, nesta cidade próxima à capital paranaense hoje proliferam as indústrias de azulejos, pisos e louças.

²³ Brancante (1981: 132) destacou o início do fabrico de “excelente material cerâmico” em Colombo na aurora do século XX, sendo sua afirmação reproduzida em boa parte da bibliografia arqueológica acerca de cerâmicas históricas. Por outro lado, em publicação um pouco anterior, Carneiro (1979) havia indicado o ano de 1897 como o início da produção de louças nesta localidade, classificando o intervalo até 1901 como ‘período de apogeu’.

Fosse este um trabalho categorizado como ‘história da industrialização’ ou ‘da imigração’, ou ambos, os registros textuais permaneceriam o fator privilegiado da investigação. Apesar da pretensão em analisar a cultura material, esta desempenharia uma função ilustrativa diante das discussões propostas em identificar pioneirismos, atestar veracidades, opor grupos dominantes a indivíduos dominados. Porém, não eram estas as minhas intenções.

Um estudo de arqueologia histórica: possibilidades da interdisciplinaridade

Por uma série de fatores, entre eles, minha formação, a orientação que recebi, a experiência no setor de arqueologia do Museu Paranaense²⁴, minhas próprias preferências temáticas, o projeto de mestrado se enquadrava na arqueologia histórica. De uma maneira geral, trata-se de uma disciplina que se dedica ao estudo do passado a partir de registros escritos e materiais, com períodos que abarcam desde a antiguidade clássica no caso da Europa, ou os primeiros contatos entre nativos e europeus no continente americano, chegando à contemporaneidade. No Brasil, houve forte influência de pesquisadores norte-americanos nesta área, cuja perspectiva inicial mais etnocêntrica, interessada no estudo da civilização branca, anglo-saxônica e protestante (FUNARI; BRITTEZ, 2006: 17), precisou ser relativizada para atender às especificidades locais. Assim repensada, segundo Sandoval (2006: 140-141), a arqueologia histórica:

[...] deixou de ser uma ferramenta que pretendia vincular os documentos escritos em função dos restos materiais da cultura dos povos do passado para ser um campo disciplinar que aborda os processos gerados pela expansão europeia. Mas, na construção do termo, não se desvincula o conceito de Arqueologia da perspectiva histórica, já que se está, enfim, *reconstruindo* uma história a partir dos materiais que se encontram em campo, mas não só é uma história a partir dos objetos, como também uma história de nossa formação como arqueólogos, que tem um papel importante na hora de produzir conhecimento e de desenhar os marcos interpretativos com os quais dinamizamos a *performance* desses objetos.²⁵

Há quase meio século, pelo menos, a historiografia vem revendo seus conceitos de fonte, refletindo sobre pares dicotômicos como objetividade/subjetividade, procurando novas formas

²⁴ Durante a graduação em História, também na UFPR, realizei cerca de um ano e meio de estágio remunerado no setor de arqueologia do Museu, sob a coordenação da arqueóloga Dra. Claudia Inês Parellada. Logo após, mantive a função de pesquisadora em caráter voluntário no mesmo setor, atividade esta que ainda hoje desempenho.

²⁵ No original, “pasó de ser una herramienta que pretendía vincular los documentos escritos en función de los restos materiales de la cultura de los pueblos del pasado a ser un campo disciplinar que aborda los procesos generados por la expansión europea. Pero en la construcción del término, no hay que desvincular el concepto de Arqueología a la perspectiva histórica, ya que en últimas estamos *re-construyendo* una historia a partir de los materiales que se encuentran en campo, pero no solo es una historia a partir de los objetos, sino también una historia de nuestra formación como arqueólogos, que juega un papel importante a la hora de producir conocimiento y de diseñar los marcos interpretativos en los cuales dinamizamos el *performance* de esos objetos”.

do *fazer* histórico. A arqueologia, por sua vez, também deu um passo além da busca pelas origens ou pelas grandes civilizações das quais determinados grupos seriam herdeiros, destacando os aspectos materiais da experiência humana. Além disso, enfim, procura-se dar voz a pessoas comuns para *democratizar* o passado (BRANCHELLI, 2007: 15). Deste modo, procurei construir um diálogo entre História e Arqueologia, em níveis teóricos e metodológicos, que não hierarquizasse o potencial interpretativo deste ou daquele tipo de evidência. Em suma, considerei a interdisciplinaridade como um método de pesquisa que exercita a interação das disciplinas, num intercâmbio de conceitos, procedimentos e organização dos dados e resultados (SOMMERMAN, 2006). Adotei esta perspectiva por entendê-la como a mais adequada para alcançar o objetivo final de produzir uma outra interpretação do passado no que diz respeito ao caso da Fábrica de Louças *Colombo*.

Não era, portanto, a industrialização ou a imigração como temáticas da virada do século XIX para o XX que determinavam meu recorte de interesse, mas a questão da produção material que foi originada neste estabelecimento, tendo como produtores um grupo diversificado de indivíduos, imigrantes e não imigrantes. A questão, enfim, dos significados desta cultura material provinda da Fábrica de Louças *Colombo* e seus mais diversos usos e apropriações, em variados momentos históricos.

Respeitando as particularidades de cada tipo de registro, refletindo sobre suas vicissitudes e seus limites, era necessário entender quais questionamentos poderiam ser direcionados a cada um deles. De início, optei por trabalhar com dois grupos: os registros escritos, abrangendo os jornais e almanaques publicados no período equivalente ao funcionamento da fábrica, ou seja, entre 1897 e 1924; e as peças remanescentes, encontradas em acervos de um colecionador privado e do setor de História do Museu Paranaense. Ao fim, acabei por deslocar o olhar para um recorte mais abrangente, pois a forma e a perspectiva como se narrou a história da fábrica ao longo do século XX, após o encerramento de suas atividades, eram sintomáticas do ato maleável de construção da memória. Dessa maneira, problematizar o que levou alguns textos a serem citados com maior frequência, ou a determinadas peças serem preservadas, elucidava o processo de legitimação a que foram submetidos tais documentos. O caso, por exemplo, das exposições nacionais e internacionais nas quais vigoraram peças de Colombo e, posteriormente, o contexto museológico que perpetua a memória da fábrica por meio de uma parcela específica de sua cultura material, sugere que identidades continuam a ser formadas e afirmadas para além do intervalo cronológico da virada do século XIX para o XX.

Discursos e artefatos: fragmentos da análise

O grupo de textos selecionados proporcionou a análise do discurso nacionalista que se construiu em torno da fábrica, o que originaria a imagem de pioneirismo e de exemplaridade ao

bom investimento capitalista. Por meio desta documentação, examinei a representação e a idealização de um empreendimento nacional, brasileiro, que simbolizava o que de melhor havia na República, minimizando a participação de mão de obra imigrante.

Em seu conteúdo, o desacordo quanto à identidade do fundador remetia, em grande parte, aos objetivos dos autores e ao presente que cada um vivenciava. Os textos de cunho mais jornalísticos, temporalmente mais próximos ao intervalo de funcionamento da fábrica, congratulam Xavier por sua iniciativa. Na historiografia posterior, em especial após 1970, constroem-se discursos preocupados em valorizar o papel desempenhado por grupos imigrantes no contexto paranaense e, ainda que Xavier seja lembrado como membro da empreitada, os louros da fundação são entregues sem ressalvas ao italiano Busato. Na primeira metade do século XX, em especial nos anos do *milagre econômico*, há uma ênfase na industrialização do país, enquanto na segunda metade do século crescem os estudos sobre a imigração. De fato, na documentação contemporânea à fábrica a figura de Xavier sustenta boa parte das publicações e, muitas vezes, a participação de Busato é reticente ou omissa. Conforme aumenta o interesse acadêmico em estudar grupos do passado silenciados e algumas comunidades se mobilizam no sentido de ‘resgatar’ sua própria memória, há uma busca e até um engrandecimento de personagens com representação tímida em registros oficiais. Devido a esta ausência, os autores recorrem, em sua maioria, ao apoio em depoimentos orais de testemunhas e descendentes dos envolvidos na produção da louça. Dessa forma, mais do que procurar *estabelecer a verdade* por trás de cada texto, de cada autor, busquei esclarecer seus aspectos discursivos, representativos de momentos históricos distintos, com prioridades e contribuições diversas.

Com relação ao segundo grupo, dos vestígios materiais, sua inclusão permitiu uma contraposição interessante à imagem textual da fábrica *Colombo*. Por meio das peças, um conjunto de 12 exemplares pequeno diante da produção registrada de “7.500 a 10.000 peças de louça por dia”²⁶, pude perscrutar os temas da imigração e etnicidade que os textos turvavam. Contando com uma amostragem bastante específica, restrito a artefatos de cunho comemorativo e decorativo, preservados por colecionadores e museus, encontrei um grupo de artífices que deu forma física a ideias e, por que não, a sentimentos.

Quatro das peças, por exemplo, continham dedicatórias, indicativas da tentativa de inserção do grupo fabril em determinados núcleos. Trazendo textos realçados pela decoração do entorno, códigos visuais são aliados a códigos verbais no corpo de cada artefato. A placa entregue ao ministro do interior Antonio Augusto Chaves, em 1899; o floreiro homenageando o Bispo D. José Camargo de Barros, no ano seguinte; e os dois floreiros dedicados ao companheiro de imigração, o comerciante Venâncio Trevisan, e aos amigos e parentes que

²⁶ Excerto da descrição das atividades da Fábrica de Louças *Colombo*, retirado de documento sem autoria intitulado “O estado do Paraná na Exposição Nacional”, de 1922.

permaneceram na Itália (figura 2)²⁷, firmam relações afetivas, de amizade ou profissionais no momento em que a instituição consolidava sua produção. Compostas de um exímio trabalho de modelagem em relevo e pintura manual, exibem a predileção por motivos florais. A diversidade encontrada nos destinatários das mensagens demonstra o quanto o processo constitutivo da identidade pode ser dinâmico. Houve a intenção de homenagear parentes e amigos, definindo um laço afetivo de ancestralidade partilhada com aqueles que não vieram para a América, assim como a cortesia é estendida ao conterrâneo que busca se firmar no ramo comercial. Ao mesmo tempo, existe uma preocupação em se inserir no contexto político do período, marcado pela tendência em promover a fábrica nascente como parte de um projeto formativo da nacionalidade. Assim, além de marcar sua origem europeia, a cultura material de Colombo permite conhecer a forma como relações se estabeleciam entre as pessoas ali presentes, buscando a inclusão, ou minimamente uma associação, em um campo discursivo hegemônico. Nas peças há um clima de constante negociação simbólica e afirmação identitária, de maneira a tornar maleáveis as interpretações acerca das mesmas.

Observei um descompasso entre as análises dos diferentes registros, pois, se os textos demonstravam uma necessidade quase imperativa de traduzir esta produção cerâmica de elementos estrangeiros em algo próprio da nação brasileira, inclusive surgindo da iniciativa e do esforço de personagens laboriosos e progressistas do meio nacional, a heterogeneidade das peças se manteve nítida. Apesar de ter mencionado apenas alguns exemplos neste artigo, a diversidade dos artefatos vem das técnicas decorativas aplicadas, dos seus artesãos de origens diferentes, vivenciando experiências novas longe da terra natal, buscando a inserção e o reconhecimento, firmando uma auto-identificação com uma cultura material que define não só como vêem o mundo, mas como querem por ele ser vistos.

Considerações finais: a recepção de uma proposta

Nas muitas interlocuções que ocorreram em paralelo à realização do mestrado, em eventos acadêmicos e em sala de aula, a proposta da arqueologia histórica recebeu um persistente questionamento: o quão arqueológico pode ser um trabalho que não conta com escavação? Afinal, estava lidando com uma seleção de materiais obtidos em acervos públicos e privados, nenhum deles composto por produtos da atividade de campo arqueológica. Eu não estava sequer vislumbrando a análise da fachada da fábrica, há muito obliterada²⁸.

²⁷ Este, apesar de produzido com a intenção de ser enviado aos seus homenageados, permaneceu no Brasil por motivos que não foi possível precisar. O floreiro entregue a Trevisan, hoje em posse de seus descendentes, não é mencionado em nenhum lugar pela bibliografia, apesar do catálogo confeccionado por Carneiro (1979) ter incluído peças que compunham o mesmo acervo que este floreiro.

²⁸ Menciono esta possibilidade devido às vertentes da *arqueologia da paisagem*, cujo foco em ambientes urbanos, frequentemente, abrange fachadas de fábricas ou instituições, ou, ainda, complexos arquitetônicos por inteiro. Considerar edificações e as escolhas estilísticas de seus construtores como

A princípio, por parte dos colegas historiadores, debatia-se a real necessidade de se inserir a reflexão arqueológica em minha interpretação histórica. Uma resistência como esta, concernente ao valor da arqueologia, “*tem origem perversa, baseada na ausência de informações desde o ensino básico brasileiro sobre o que é arqueologia e qual seu papel como mais uma fonte de produção de conhecimento a respeito de nosso passado*” (NAJJAR, 2010: 18). Como se tratava de um período do qual se dispunha de ampla documentação textual, a cultura material não obtida por meio de escavação seria um adendo curioso, embelezador do produto final, mas que pouco teria a adicionar além do caráter ilustrativo. Entre os arqueólogos, por outro lado, a ausência do trabalho de campo, minha condição de pesquisadora “*sem terra embaixo das unhas*” (REIS, 2010: 33), parecia fragilizar os resultados finais.

A literatura especializada, particularmente a que orienta a arqueologia de períodos cada vez mais recentes, argumenta já há algum tempo que não é a escavação que define a identidade da disciplina, mas o estudo material e cultural da experiência humana. Entre os que defendem a ideia, como Beaudry (1996), esta abertura da definição arqueológica é vista como sintoma de um academicismo criativo, ameaçador aos estereótipos científicos. Como qualquer ameaça ao regime de conduta estabelecido e institucionalizado, a tentativa de subverter a ordem vigente propondo novas formas do *fazer* arqueológico pode vir a ser descartada como uma insubordinação passageira. Mas o fato é que não são poucos os autores que provaram a importância de novas abordagens e redefinições, como demonstram as pesquisas de qualidade desenvolvidas pela arqueologia da industrialização, por exemplo.

Pode não ser uma ideia unânime, mas é uma percepção que ganha força conforme novos questionamentos são acrescidos à pauta arqueológica. Assim, as peças de Colombo, ainda que não pudessem ser pensadas como representativas de todo um padrão produtivo, devido a suas condições singulares de fabricação e de preservação, puderam ser problematizadas como um vestígio material dotado de suficiente significação para relativizar as ideias homogeneizantes encontradas na documentação textual.

Dessa forma, ao intitular meu texto como ‘fronteiras de uma discussão’, tinha em mente meu posicionamento sobre a tênue linha disciplinar na qual se equilibra a arqueologia histórica, ciente de que os agentes que administram essa fronteira, vez ou outra, convidaram-me a escolher apenas um lado. O trabalho na região limítrofe das disciplinas não é simples, mas os resultados parecem demonstrar que é um esforço que vale, sim, a pena.

Figura 1 – Fachada da Fábrica de Louças *Colombo*, durante sua reinauguração em 1903 (acervo da Casa da Memória de Curitiba)

aspectos da cultura material se tornou um enfoque bem aceito entre arqueólogos que, antes, não abririam mão da investigação em subsuperfície.



Fonte: Do autor.

Figura 2 – Floreiro em faiança fina, com homenagem a parentes e amigos italianos, datado de 1900 (acervo de colecionador particular, registro fotográfico)



Fonte: Do autor.

Referências Bibliográficas

BEAUDRY, Mary C. **Reinventing historical archaeology**. In: DE CUNZO, Lu Ann; HERMAN, Bernard (eds.) *Historical archaeology and the study of american culture*. Knoxville, Tennessee: University of Tennessee Press, 1996. p. 473-497

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRANCANTE, Eldino. *O Brasil e a cerâmica antiga*. São Paulo: Cia. Lithographica Ypiranga, 1981.

BRANCHELLI, Fabiano Aiub. *Vida material e econômica na Porto Alegre oitocentista*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CARNEIRO, Newton. *A Fábrica Colombo e a cerâmica artística no Brasil*. Curitiba: BADEP, 1979.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; BRITTEZ, Fernando R. (comp.). *Arqueología histórica en América Latina: temas y discusiones recientes*. Mar del Plata: Ediciones Suárez, 2006.

MARTINS, Romário. *Quantos somos e quem somos. Dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná*. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941.

MORALES, Martha Helena Loeblein Becker. *Os usos da louça branca de Colombo: aspectos identitários e discursos do poder a partir do diálogo entre história e arqueologia*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

NAJJAR, Rosana (org.). *Arqueologia no Pelourinho*. Brasília: IPHAN / Programa Monumenta, 2010.

PILLEGI, Aristides. *A cerâmica no Brasil e no mundo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958.

REIS, José Alberione dos. *“Não pensa muito que dói”: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SANDOVAL, Javier Rivera. *Sepulturas abiertas en la Nueva Granada: reflexiones sobre una arqueología histórica de la muerte*. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; BRITTEZ, Fernando R. (comp.) *Arqueología histórica en América Latina: temas y discusiones recientes*. Mar del Plata: Ediciones Suárez, 2006.

SOMMERMAN, Américo. *Inter ou transdisciplinaridade? Da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes*. São Paulo: Paulus, 2006.